

HELENA CHAGAS



de Brasília

Lições da campanha

• Um gol de César Sampaio pode mudar tudo, assim como uma declaração de Leonel Brizola, uma resposta de Antônio Carlos Magalhães, um gesto de Fernando Henrique. Se há uma lição que os coordenadores da campanha FH aprenderam é a de que os humores do eleitor estão flutuando ao sabor do vento. Por isso, não houve festa ontem no Planalto com os primeiros números de pesquisa favoráveis em três semanas.

É claro que há certo alívio trazido pelos levantamentos mostrando que FH voltou a se distanciar de Luiz Inácio Lula da Silva em seis pontos, embora mantida a previsão de segundo turno. Mas os especialistas em marketing que trabalham na campanha do presidente alertavam que, a partir de agora, o candidato que será hoje oficializado nas convenções tem pouquíssimo espaço para errar. Basta um deslize para voltar a cair.

A outra lição importante que os coordenadores da campanha tiraram da comparação dos números, e que vai nortear a campanha, é de que o eleitor não quer saber de radicalismo.

Um auxiliar de Fernando Henrique dizia ontem que até mesmo o PFL de Antônio Carlos Magalhães, que saiu na linha de frente da artilharia contra Lula e fez um programa na televisão pautado pela estratégia da chamada "teoria dos caos", está sendo aconselhado a amenizar o discurso. Coincidência ou não, o próprio ACM diminuiu a intensidade do tiro-teio esta semana.

Ao mesmo tempo, porém, o mesmo raciocínio indica que o senador pefelista e outros aliados de FH não podem se abster completamente de polemizar com o ex-governador Leonel Brizola, Ciro Gomes e outros. Simplesmente porque o que vale para um candidato, valeu também para outro.

Os números confirmaram o que os marqueteiros já intuía. A entrada em cena de Brizola defendendo a revisão radical de todas as privatizações anteriores tirou mais votos do que rendeu a Lula. Sob esse ponto de vista, a campanha petista caiu na provocação dos governistas e perdeu com isso. O que indica que os governistas ainda tentarão colocar outras armadilhas no caminho da chapa Lula-Brizola. Ontem, um aliado do Governo dizia que, quanto mais Brizola falar, ocupando o espaço de Lula e radicalizando o discurso, melhor para FH.

As análises da coordenação da campanha do presidente permitem ainda concluir que a rejeição do eleitor a um processo radical de revisão das privatizações tem origem num sentimento semelhante ao que hoje inspiram as chamadas reformas. O reexame das privatizações é encarado como um processo demorado, que se arrastaria tomando tempo e energia do Governo — que poderiam, na visão do eleitor, ser aplicados de melhor forma para resolver problemas mais imediatos como o desempre-

go, por exemplo.

Isso é o que, no momento, está pensando também boa parte do eleitorado a respeito das reformas, em especial a da Previdência. E aí se chega à terceira lição dessa rodada. Depois de tantas negociações com o Congresso e derrotas desgastantes como a desta semana, ninguém agüenta mais ouvir falar em reforma. Nas palavras de um assessor presidencial, a reforma da Previdência é hoje um entulho do qual o povo não quer nem saber.

O presidente-candidato está, portanto, sendo aconselhado por aliados e coordenadores da campanha a esquecer o discurso das reformas até a eleição. De preferência, tomar distância das negociações parlamentares, vistas pelo eleitor como algo que cheira à politicagem. Como dificilmente o Governo conseguiria mesmo promulgar a emenda da Previdência até outubro, não se corre grande risco. O mais provável é que FH acompanhe a certa distância a votação da Câmara do dia 30, sem voltar a fazer apelos aos deputados ou se envolver diretamente na cabala de votos.

Fernando Henrique será oficializado hoje candidato nas convenções do PSDB, do PFL e do PPB com plena consciência de que tem que adotar comportamento de piloto nas três últimas voltas de grande prêmio. Tem que escapar às ultrapassagens, manter a velocidade e evitar desastres.

O problema é que, nos autódromos eleitorais, as três últimas voltas da corrida costumam ser aqueles quinze perigosos dias anteriores à eleição em que tudo pode acontecer, quando ocorrem as grandes viradas.

Mas, na eleição presidencial de 1998, sabe-se lá se por conta da novidade da reeleição, boa parte da lógica que costuma orientar os candidatos começa a ser subvertida. O alto índice de exposição que, em tese, dá grande vantagem ao candidato que disputa a reeleição no cargo, pode ser também sua perdição. A três meses e meio da eleição, FH já está na situação de quem não pode dar um passo em falso.

Vai passar pela Copa do Mundo, tem que evitar declarações como aquela em que chamou aposentados de vagabundos, torcer para que o país não sofra ataque especulativo e convencer insatisfeitos de que pretende combater de verdade o desemprego.

Comportando-se como biruta de aeroporto, que gira conforme o vento, o eleitorado dá poucas certezas a FH, que hoje acordou presidente e vai dormir candidato.